

DAVID ANGELO OLIVEIRA ROCHA

**Hobbes, Rousseau, Nietzsche e
AS RUÍNAS DO SAGRADO**

Aracaju-SE



2023

© Copyright 2023 by Editora ArtNer

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome dos autores, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Editoração
Editora ArtNer

Diagramação e capa
Joselito Miranda

Impressão
J Andrade

Imagens
Arquivo / pexel.com

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Rocha, David Angelo Oliveira.

R672h Hobbes, Rousseau, Nietzsche e as ruínas do sagrado. /David Angelo

Oliveira Rocha.

- Aracaju: ArtNer, 2023.

76p.

ISBN: 978-85-69567-88-2

1. Thomas Hobbes-Secularização

2. Ruínas do sagrado-Reflexão

3. Fé - Humanização

I – Título

CDU: 2 (813.7)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

EDITORIA ARTNER

Tel.: (79) 99131-7653 · editoraartner@gmail.com · artner.com.br

“[...] devemos sempre voltar ao Evangelho e às palavras da fé a fim de apurar o seguinte: primeiro, o que lhe pertence?

Segundo: o que se modifica com a mudança dos tempos?

E terceiro: o que não lhe pertence? O ponto decisivo, no fim das contas, consiste sempre em saber fazer a distinção correta”

(Papa Bento XVI, *Luz do Mundo*, 2011, p. 174).





AGRADECIMENTOS

Retribuo aos meus pais (José Geraldo e Maria de Lourdes) o investimento desde a infância para o âmbito acadêmico; à minha irmã Ma. Diana Chiara Oliveira Rocha, pela prontidão e amizade; à professora Dra. Rosa Virgínia, pela correção ortográfica; aos alunos e ex-alunos, seminaristas do Seminário Maior Nossa Senhora da Conceição, e a todos aqueles (as) que acreditaram e apostaram no meu empenho acadêmico. A todos (as) estes (as), através da publicação deste livro que provém das aulas ministradas na disciplina Filosofia da Religião: muito obrigado!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
THOMAS HOBBS E A SECULARIZAÇÃO (1588–1698)	15
REFERÊNCIAS.....	35
JEAN JACQUE ROUSSEAU: A RELIGIÃO DO CORAÇÃO, OU DO SENTIMENTALISMO (1712–1788).....	37
REFERÊNCIAS.....	52
NIETZSCHE E A MORTE DE DEUS (1844–1900).....	53
REFERÊNCIAS.....	71
CONCLUSÃO	73

INTRODUÇÃO

A sensação de desorientação assola a humanidade e dentro da Igreja Católica não é diferente. Muitos cristãos sentem este mal-estar do século, seja de forma teórica ou prática, seja nas notícias sobre a Igreja, ou até mesmo na paróquia que participa. É certo que nunca, na história da Igreja, o cristianismo teve um momento de paz. Sempre teve que lidar com as mudanças de época que cobravam uma posição da Igreja, mas hoje, estamos passando por uma mudança de época com o avanço da tecnologia, inteligência artificial, aplicativos, valores morais, autonomia religiosa, e qual a posição da Igreja perante tudo isso? De quem é a culpa pela tamanha confusão? Existem culpados? É possível falar em culpados ao olhar fatos históricos? Para que existam culpados requer-se plena consciência das ações prevendo os resultados e efeitos colaterais das decisões. Será que Lutero conseguiu prever os efeitos colaterais da sua suposta Reforma? Será que os pensadores do século XVI–XX, com suas teorias defendendo a negação de Deus na sociedade, conseguiram prever como ficaria o Ocidente do século XXI? Sempre nas decisões da vida vamos nos deparar com pontos cegos. Não dá para enxergar e prever o que ocorrerá no presente-futuro. Intuímos o que pode acontecer através de um olhar atento para os sinais da época, mas não podemos acertar com precisão sobre o futuro. Como disse certa vez o imperador Júlio César: *alea jacta est* (o dardo foi lançado), e não sabemos se vai alcançar o alvo. Que alvo? Esse é o problema do século XXI: corremos semelhante a um esquilo dentro de uma roda de metal, achando que estamos conseguindo alcançar a isca, sem perceber que, mesmo com todo

o esforço, não estamos saindo do lugar. O ponto de chegada sumiu da nossa vista, e, ao olhar para trás não encontramos o nosso ponto de partida. O que um homem desorientado pode escolher para sua vida se está confuso? Qual o melhor caminho para um desorientado? No mundo da desorientação não há espaço para soluções, apenas compensações, reuniões e mais reuniões, para, no final, não dar em nada, porque não estamos no período para soluções a longo prazo, e sim, a curto prazo devido à velocidade das mudanças. No geral estamos cegos.

O objetivo desse livro é tratar sobre esta sensação de desorientação que atinge a todos, e principalmente aos cristãos, mostrando que esta crise de amor, esperança e fé em Deus e na Igreja, provém de resquícios que foram se metamorfoseando ao longo dos séculos devido à secularização, ao sentimentalismo e ao niilismo. Não é o nosso foco apontar culpados, mas recorrendo aos teóricos Thomas Hobbes (séc. XVII), Jean Jacques Rousseau (séc. XVIII) e Friedrich Nietzsche (séc. XIX), utilizando-os como lentes de aumento através das suas teses, identificando o alicerce do mal-estar que acabamos herdando. O comportamento de um bom número de cristãos nos dias atuais provém, sem saber, do sonho desses pensadores.

O evangelho de São Marcos, capítulo cinco, versículos de um a dezenove, narra o momento em que Jesus Cristo vai ao território dos gadarenos, uma pequena cidade localizada próxima ao mar da Galileia. Ao descer da barca, eis que surge um homem possesso que saiu do cemitério e foi ao encontro de Nosso Senhor. Neste homem, podemos encontrar a imagem de um verdadeiro espírito desesperado. Sem norte na vida de “dia e [de] noite, ele vagava entre os túmulos e pelos montes, gritando e ferindo-se com pedras” (Mc 5, 5). Não seria uma triste imagem da sociedade atual e do homem moderno quando expulsa Deus da vida? Um homem sem sentido, desesperado, vagando pelas compensações em busca de um norte, um preenchimento, algo que lhe

apresente para que veio a este mundo. Levando uma vida como que ‘morto’ por conta de valores niilistas, do relativismo, da educação cool, andando pelos montes da vida sem rumo, sem meta; destruindo a si mesmo e gerando cisões com as próprias ações, por falta de dignidade e amor a Deus e a si mesmo. Este é o homem atual, agitado pelos seus desejos, que o iludem com um tipo de felicidade, afirmando que aquele caminho leva a vida, sem perceber, nesta ilusão chamada felicidade, que está caminhando alegremente rumo à um abismo que o levará a morte. Não seria uma outra imagem do mundo moderno? Um mundo que está caminhando feliz e iludido rumo ao abismo, à catástrofe, tendo um comportamento animalesco, destruindo a si mesmo, a sociedade e o meio ambiente?

No encontro entre Jesus Cristo e o endemoninhado, o Filho de Deus expulsa não um demônio, mas uma legião de demônios, transferindo-os para uma manada de porcos que correm para um abismo próximo, morrendo todos afogados. Após este gesto de purificação e libertação, feito por Jesus Cristo, o evangelista afirma que o povo começou “a suplicar-lhe que partisse de seu território” (Mc 5, 17). Para estes homens, a dor da perda dos animais foi maior que a alegria ao ver uma pessoa curada e dando dignidade a si mesma por ação divina. Entre o ter e o ser, continua a exaltação ao ter. Será Deus um obstáculo para o homem ser feliz? A sociedade continua com a mesma postura desses homens, expulsando Deus da sociedade e da vida. A história nos mostra que, quanto mais o homem expulsa Deus, mais tende a se transformar aos poucos em um ser bestial, e corre o risco de naufragar a própria existência, ao deixar que valores niilistas, materialistas afundem o amor, a esperança e a fé em Deus e na Igreja de Cristo.

Por que estes homens expulsaram o Filho de Deus do convívio deles? Além de ver Jesus Cristo como um causador de prejuízos, o medo fala mais alto. O homem continua a ter medo de Deus.

Um medo que não o permite ser incomodado pela graça de Deus, e, por isso, prefere dormir no túmulo a acordar para a verdadeira vida. A indiferença e o desespero assolam a humanidade. Não seria este um dos piores feitos ao longo da história e que se intensificou a partir do século XIX, por conta do niilismo, a indiferença a tudo que é Sagrado? Não seria este um dos feitos demoníacos que flagelam a sociedade moderna? Caso seja, qual a cura? Mesmo com o crescimento de cristãos desanimados para anunciar a boa nova, porque a fé esfriou, “o amor de muitos esfriará. Mas quem aguentar até o fim se salvará” (Mt 24, 12).

THOMAS HOBBS E A SECULARIZAÇÃO (1588-1698)

O que é secularização e quando ela se inicia? Como fica a autoridade do papa, dos bispos, dos padres e até mesmo dos leigos, dentro de um ambiente secularizado? A origem da religião seria algo puramente humano? Para tratar sobre estas questões, nosso primeiro teórico será o filósofo inglês Thomas Hobbes, conhecido na área da filosofia política como o 'pai' do liberalismo, do contrato social, mas também, no aspecto antropológico, como aquele que sondou as profundezas do homem: o que é imaginação, os sentidos, o medo, a confiança etc.

Este pensador provém de uma atmosfera no século XVI-XVII, que estava passando pela efervescência da Reforma Protestante. Este evento histórico gerou mudanças na sociedade, como o crescimento do individualismo, da autonomia religiosa (não há mais necessidade de um mediador (padre ou instituição) para o homem chegar a Deus e até mesmo ser fiel a doutrina religiosa), da ligação entre religião e política, do descrédito em relação à infalibilidade papal, da indiferença em relação à Tradição e Magistério da Igreja. Estas são algumas características que provém da Reforma Protestante. Podemos adicionar a informação que neste período, no qual Hobbes estava inserido, crescia a divergência entre fé e razão / fé e ciência. Era um período em que o homem estava começando a sair do teocentrismo (Deus é o centro de tudo) para o antropocentrismo (o homem é o centro de tudo), como também, havia o crescimento das expectativas em relação à ideia de progresso civilizatório e científico. Tudo isso, misturado, despertou em alguns pensadores o sonho de que é possível reconfigurar o homem, e, reconfigurando o homem,

proporcionar uma mudança nos valores, desembocando numa nova cultura e um novo mundo.

É preciso ser justo e dizer que a oferta de Hobbes para reconfigurar o Estado, já aparece no pensamento do filósofo Maquiavel¹, mas em Hobbes é mais radical. Não irei realizar uma exaustiva apresentação do teórico, pois isso acaba fugindo dos objetivos aqui propostos, mas, para entender o projeto secularizador do pensador, vamos entender a compreensão dele sobre a natureza do homem e a origem da religião.

A necessidade de levarmos em consideração a compreensão de Hobbes sobre a natureza humana ocorre, porque todo sistema (educacional, político, religioso e econômico) surge a partir da forma como compreende o ser humano. O conceito dado à natureza humana, ou seja, à essência, que é imutável e o caracteriza.

O homem é essencialmente mau. Esta é a visão do filósofo em análise sobre a natureza humana. E este homem, que tem consciência de si, sabe que é mau, e que os outros que estão ao seu redor também são maus. É um ser que comporta, em sua estrutura mental, o egoísmo e a desconfiança como base de vida. O que esta desconfiança generalizada pode gerar dentro de uma sociedade de cismados? Uma constante necessidade de estar em estado de alerta com o que está acontecendo ao redor, e esse estar atento, provém do desejo de competitividade e da busca pelo sucesso, dentro da sociedade, para alcançar o patamar desejado. O homem mau, desconfiado e competitivo, pode recorrer a meios desonestos para não ficar para trás, ou seja, não é esperar ser atacado para atacar, mas atacar sempre; continuamente, e ser o primeiro no ataque. Esta é a visão de Hobbes sobre a estrutura mental humana. Seguindo o raciocínio, esta sociedade de perversos tende a se autodestruir a qualquer momento, logo, o que

1 Filósofo, autor de peças teatrais, renascentista italiano, 1469-1527. Não era anticatólico, mas defendia que a religião cristã deveria ser submissa do Estado.

fazer? Aí entra o chamado Contrato Social, que consiste num acordo político em que os indivíduos, no uso da liberdade, em acordo mútuo, transferem seus direitos para que o Soberano escolhido possa dar o que é necessário, dentro de um estado de “guerra de todos contra todos” (HOBBS, 2015, p. 117): segurança. As leis têm por objetivo moldar e dar um freio a este instinto egoísta e perverso, que move os desejos dos homens. Mas, mesmo com as leis, isso não impede de ter os transgressores que não temem o Estado, o Soberano, autoridades militares e às punições. Por isso, devido a esse estado de insegurança constante e, ao mesmo tempo, ao desejo forte de viver, o homem tem que inventar instrumentos de segurança para defender a própria vida, a prole e os bens materiais que conquistou. É claro que estes instrumentos de segurança não oferecem uma superproteção, mas tenta complicar a vida do transgressor. Para ilustrar que o homem é um ser essencialmente desconfiado, que busca proteger a vida a qualquer custo, o filósofo afirma que, quando uma pessoa entra numa viagem, a primeira coisa que faz é olhar para seu novo companheiro de excursão e ver se a sua aparência não transmite medo. Foi dessa desconfiança que surgiu a porta, mas, com o passar do tempo, não basta a porta; é necessário um segredo. Depois, o segredo não protege; requer um cadeado, e, assim, sucessivamente, chegando até os nossos dias, com câmeras de vigilância, aplicativos para acompanhar pelo celular as filmagens, drones, cerca elétrica etc. Não seria o surgimento excessivo de câmeras de vigilância e pardais no trânsito a demonstração de uma excessiva desconfiança e da sensação de insegurança que assola a vida do homem moderno? No período de Hobbes, os olhos não eram de lentes, e sim humanos. Era necessário o vizinho olhar a vida do outro, e, se percebesse alguém transgredindo uma norma do Soberano, este deveria ser entregue à justiça, porque deve ser feito de tudo para preservar a segurança e a harmonia. Tudo isto que estamos vendo aqui sobre essa possível estrutura mental do

homem a luz de Hobbes, veio à tona com toda força no ano de 2020, com o início da pandemia da Covid-19. O que encontrávamos nos supermercados e farmácias eram homens e mulheres, como pensava Hobbes: egoístas, desconfiados e que fizeram de tudo para preservar o bem pessoal. Nos supermercados, papel higiênico e álcool 70º foram devastados. Sinceramente, nos primeiros dias, parecia que o sintoma da Covid-19 era uma bruta diarreia e a cura se daria com álcool em gel. Nesta atmosfera da Covid-19, o outro virou um suspeito em potência, um criminoso da pior espécie, perigo constante, seja pai, mãe, filho, neto, avô ou avó, padre ou fiel. Numa terra de vigilância, ninguém é inocente; todos são suspeitos, toda casa vira um castelo de vidro, e surge a convicção de que é preciso estar atento sobre os transgressores e denunciá-los às autoridades para fazer justiça e mostrar que é virtuoso, contribuindo para uma sociedade mais justa, humana e compassiva. Se o homem, segundo Hobbes, não confia no outro por natureza, no período da Covid-19, virou um verdadeiro estado de guerra de todos contra todos, de insegurança generalizada: “vive-se com o medo e o perigo contínuo da morte violenta; E ao homem, [a convicção que tem] uma vida solitária, pobre, suja, bruta e curta” (HOBBS, 2015, p. 118). Bem, onde fica Deus dentro deste ambiente pensado por Hobbes? Qual a origem da religião e o lugar da mesma dentro desse Estado Absoluto? É o que veremos agora.

O filósofo Hobbes estava inserido na atmosfera que exaltava a razão, a ideia de progresso e a ciência. A obra “Leviatã: ou matéria, forma e poder de um Estado Eclesiástico e civil”, publicada em 1650, está dividida em quatro partes: 1) Sobre o homem, 2) Sobre o Estado, 3) Sobre o Estado Cristão e 4) Sobre o Reino das Trevas. Nesta obra, ele lança as sementes de forma prática para um futuro mundo secularizado, que não despreza a religião cristã, mas tampouco a vê como Revelada e Sagrada. Não será possível uma explanação minuciosa sobre a obra, porque isto